

O ENSINO DE CIÊNCIAS SOCIAIS ATRAVÉS DE METODOLOGIAS ATIVAS:

contribuições didáticas e metodológicas da “Antropologia do Crime”

Claudio Renan Gadelha Rocha (UFC), crenanrocha@gmail.com¹

Jania Perla Diógenes de Aquino (UFC),
perladiogenes@gmail.com²

RESUMO

O presente artigo relata as aulas oferecidas na disciplina optativa "Antropologia do Crime", ministrada pela profª Drª Jania Perla Diógenes de Aquino no curso de graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal do Ceará (UFC), durante o segundo semestre de 2025. A ementa da matéria consistiu em aulas expositivas ministradas pela professora, reprodução de filmes em sala de aula, aulas abertas compostas por professores e pesquisadores de temas relacionados ao crime e à violência, a formação de um grupo focal pelos estudantes matriculados com o tema "O cotidiano e a vida em uma cidade atravessada por domínios e guerras de facções" e a construção - e posterior aplicação - coletiva de um questionário dividido em três eixos temáticos: "Violência", "Crime" e "Segurança e Insegurança Pública". Objetivava-se compreender a metodologia de ensino utilizada pela professora como uma forma de utilização de Metodologias Ativas como princípios norteadores na construção de ementas e planos de aula nas Ciências Sociais. Tais metodologias têm como cerne de sua formulação a experiência cotidiana dos estudantes, colocando-os como parte ativa do processo de aprendizagem. No caso da formação de professores de Antropologia, Sociologia e cientistas sociais, a experiência de elaboração das questões de uma entrevista e sua posterior aplicação em campo podem representar uma primeira experiência relevante para os futuros profissionais. As diferentes metodologias utilizadas em campo também foram destaque durante as aulas abertas, que contaram com a presença de estudantes e pesquisadores de diversas áreas do conhecimento. Este trabalho também pode servir como uma forma de divulgação científica de

¹ Doutorando e Mestre em Sociologia na Universidade Federal do Ceará (UFC), Licenciado em Ciências Sociais na Universidade Federal do Ceará (UFC). Pesquisador integrado ao Laboratório de Estudos da Violência (LEV). Integrante do projeto de pesquisa "Dinâmicas do novo cangaço: cidades sitiadas e ataques a polícias em assaltos na América do Sul"

² Possui Graduação em Ciências Sociais pela UFC(2001), Mestrado em Sociologia pela UFC(2004), Doutorado em Antropologia Social pela USP(2009). Pós-Doutorado(2015/2016) no CESDIP(Centre de Recherche Sociologiques sur le Droit et les Institutions Pénales- île de France). Professora Associada IV do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC. Pesquisadora de produtividade do CNPq - nível 2. Pesquisadora do Laboratório de Estudos da Violência - LEV. Pesquisadora do Núcleo de Antropologia da Performance e do Drama-NAPEDRA /USP. Pesquisadora do Núcleo de Antropologia da Política-NUAP. Pesquisadora do INCT-CNPq "Violência, Poder e Segurança Pública". Membro do Comitê "Cidadania, Violência e Agentes Estatais" da Associação Brasileira de Antropologia-ABA. Professora e membro do NDE das Licenciaturas Indígenas da UFC: KUABA e PITAKAJÁ. Tem experiência de pesquisa nas temáticas de Violência; Crime; Mercados Ilegais; Antropologia da Performance, Conflitos e Governança de Recursos Hídricos.

pesquisas sobre violência, crime e segurança pública no Ceará produzidas por pesquisadores que em sua trajetória atravessaram a UFC e o Laboratório de Estudos da Violência (LEV).

Palavras-chave: Metodologias Ativas. Docência. Antropologia. Crime. Violência.

1 INTRODUÇÃO

No presente artigo, consta um relato das aulas da disciplina optativa “Antropologia do Crime”, ofertada no segundo semestre de 2025 no curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará (UFC) e ministrada pela profª Drª Jania Perla Diógenes de Aquino. Interpretando a metodologia utilizada como parte do arcabouço de práticas didáticas relacionadas ao que chama-se “Metodologias Ativas”, têm-se como propósito servir como uma referência na construção de ementas e planos de aula cujos temas relacionam-se à violência, segurança pública e sensação de segurança na cidade.

As Metodologias Ativas são o conjunto de metodologias aplicadas que têm o objetivo de posicionar o estudante no centro de um processo de formação crítica (Borges; Alencar, p. 120, 2014). A aplicação desse método tem uma presença significativa no ensino de ciências sociais em disciplinas de diversas graduações no Brasil. Sobre a utilização de Metodologias Ativas no Ensino Superior, foi apontado no relato de Carvalho, Costa e Botelho (2023) que “a diversidade de ferramentas e instrumentos [...] possibilitou a quebra de alguns paradigmas, contemplou ainda alcançar peculiaridades nas discussões dos subtemas da disciplina”.

A utilização desse método pode ser produtivo para o ensino de bacharelados e licenciandos. Em um curso de licenciatura em Ciências Sociais, espera-se que a formação de professores contribua para a demanda da cidade, e é necessário que os futuros professores (as) sejam capazes de fomentar o desenvolvimento de uma “imaginação sociológica” tomando como cerne a experiência estudantil - seus medos, suas vontades, seus limites e suas habilidades. Em Fortaleza, o convívio com o domínio das facções é marcante e esse será um fator relevante na vida de muitos estudantes (Mills, 1972).

A ementa contou com aulas expositivas, reprodução de filmes em sala, realização de aulas abertas - que possibilitaram a presença de professores do departamento e estudantes de outros, formação de um grupo focal com alunos matriculados na disciplina e construção e aplicação coletiva de um questionário. Dessa forma, aos estudantes foram introduzidos métodos de investigação em Ciências Sociais, sendo estimulados a experienciar a prática da pesquisa com o objetivo de também possibilitar uma melhor inserção profissional nesse mercado de trabalho.

2 O ENSINO DE CIÊNCIAS SOCIAIS ATRAVÉS DE METODOLOGIAS ATIVAS

Durante a primeira aula, após a apresentação da ementa e dos métodos de avaliação da disciplina, a professora reproduziu em sala o filme “Cidade de Deus”, lançado em agosto de 2002 e dirigido por Fernando Meirelles e Kátia Lund. A reprodução do filme foi produtiva para as discussões em sala, tanto na sessão em que foi reproduzido, quanto nas posteriores. Com a solicitação de leitura prévia de Misse (2010) em que a categoria “bandido” é analisada a partir do que o autor chama de “sujeição criminal”, que seja, o processo em que o sujeito tem o crime inscrito em sua aparência através de símbolos que, no imaginário popular, são sinais de potencial ameaça.

O autor tece uma reflexão sobre a teoria do sujeito que pôde ser visualizada através da obra cinematográfica “Cidade de Deus”. O filme retrata de forma contundente como o crime atravessa a dimensão afetiva de moradores das periferias brasileiras, que têm seu cotidiano e vida transformados pelas “contingências da violência” (Paiva, 2007). Assim, o filme pode servir como uma ferramenta de desnaturalização do crime.

Na história de vida dos alvos da sujeição criminal, as condições de sobrevivência e socialização do sujeito estão entrelaçadas intimamente com a forma como a sociedade interpreta o crime. Desse processo fazem parte todos os momentos em que a trajetória de vida da juventude negra é transformada pelas relações de poder que constituem o fenômeno da criminalidade violenta no Brasil.

O conceito de “sujeição criminal” é proposto com a finalidade de determinar três dimensões incorporadas na representação social do “bandido” e de seus tipos sociais. A primeira dimensão é a que seleciona um agente a partir de sua trajetória crimínável, diferenciando-o dos demais agentes sociais [...] A segunda dimensão é a que espera que esse agente tenha uma “experiência social” específica, obtida em suas relações com outros bandidos e/ou com a experiência penitenciária. A terceira dimensão diz respeito à sua subjetividade e a uma dupla expectativa a respeito de sua auto identidade (Misse, p. 24, 2010).

A sujeição criminal pode, então, ser relacionada com a “profecia autorrealizável” de Merton (1948) em que o autor cita W. L. Thomas: “se os homens definem as situações como

reais, elas são reais em suas consequências”. A cor da pele, sua forma de vestir e o lugar de origem são fatores determinantes para as dificuldades enfrentadas pelos personagens que tentam se inserir no mercado de trabalho, pois estes elementos podem ser associados ao crime mesmo antes que este exista. Assim, o crime é tomado como um mal transmissível, que pode corromper aqueles que vivem em espaços estigmatizados.

Além da violência do racismo, identificar-se como morador da Cidade de Deus é o prenúncio de um estigma. Com a dificuldade da inserção dessas pessoas no mercado de trabalho formal, o mercado ilegal do tráfico de drogas aparece como a solução de uma vida precarizada. Ainda, o filme demonstra como a violência policial está no início e no final desse processo. Assim é porque a truculência dos agentes de segurança, ao danificar a trajetória de vida desses indivíduos e dificultar sua sobrevivência na cidade, é capaz de garantir que estes sejam devidamente sujeitos criminalmente. Tal violência cultiva um sentimento de rancor e mágoa social que pode transformar a subjetividade, mas também atua como algoz dos sujeitos que ela mesma transformou.

É comum a associação da prática da violência à uma formulação emocional iracunda, porém, a etnografia da professora Aquino (2020) revela que os assaltantes do “novo cangaço”, por exemplo, tomam a si mesmos como empresários do crime. Os momentos de formulação de estratégia e de realização da abordagem são fruto de decisões racionais. Ou seja, a subjetividade dos assaltantes comporta os elementos necessários para que algo que pode ser visto como uma contradição seja suportado em seu sistema moral.

O personagem “Dadinho” se transforma a partir da mudança de seu apelido para “Zé Pequeno”, momento em que este incorpora o crime como parte de sua identidade social. O personagem, embora tenha se apropriado dos elementos que constituem o imaginário da sujeição criminal, ainda faz parte da experiência da vida humana como antes, mas é tratado também como um legítimo “bandido”, categoria capaz de transfigurar a silhueta do indivíduo. Este é um processo de desumanização em que o crime é tomado como parte da essência dos sujeitos, relacionando-se diretamente com seus valores éticos e morais.

O senso comum relaciona a violência criminal à condições físicas e psicológicas, como a cor da pele e transtornos mentais, assim como a falhas de caráter. No entanto, a violência pode ser compreendida como um instrumento social de sobrevivência. Matar e manter-se ético pode, então, não significar uma contradição, pois pode ser uma condição de sobrevivência.

Com base na criação de um sujeito que representa o crime, a polícia exerce fisicamente a sujeição criminal através de abordagens violentas e da imputação de crimes contra pessoas negras e contra moradores das favelas e periferias. A forma como a polícia entra nesses espaços estigmatizados representa uma ameaça não apenas contra os que cometem crimes, mas contra todos aqueles que podem ser tomados como “bandidos”.

2.1 AS AULAS ABERTAS: UMA INTRODUÇÃO AOS QUE VIERAM ANTES

O trabalho de campo de Feltran (2010) na periferia de São Paulo foi revelador em uma época cujo índice de homicídios na cidade estava em queda e uma disputa política pelos louros daquela vitória se iniciava. O autor revela que através de rituais sociais do crime organizado, o PCC conseguiu diminuir o ciclo de acumulação social da violência na periferia da cidade, que se reproduzia através de vinganças.

A fim de manter a polícia distante do seu território, a facção instituiu um sistema de resolução de conflitos que foi tomado pela comunidade como mais eficiente do que a Justiça formal. Os tribunais do crime tornaram-se uma prática comum, parte do cotidiano dos moradores da periferia paulistana. A inserção do PCC na dinâmica do tráfico de drogas no Ceará foi um elemento fundamental para o surgimento do grupo chamado Guardiões do Estado (GDE).

[O Ceará] é território de atuação das três facções classificadas como das mais importantes do país: o PCC, o CV e a FDN. Apesar de exógenos, são coletivos que congregam presidiários e pessoas que fazem o crime no Ceará, com alianças e integrações diferenciadas nos esquemas de cada um desses grupos. Além desses, e também em razão do trabalho deles, um componente novo surgiu tensionando a relação com as “facções de fora” e reivindicando a condição de Guardiões do Estado (Paiva, p. 147, 2019)

Foram convidados professores que têm trabalhos que se relacionam com o tema “Gangues, facções e guerras (1990-2025) análises históricas e da atual conjuntura”, Paiva (2007) e Sá (2010) que juntos à mediação de Aquino (2009) formaram uma mesa onde uma geração de pesquisadores que passaram pelo Laboratório de Estudos da Violência (LEV) da

Universidade Federal do Ceará - e que têm uma contribuição marcante no arcabouço de estudos sobre violência no país - puderam compartilhar suas experiências em campo.

As aulas contaram com a presença e contribuições de estudantes e pesquisadores da Economia, do Direito e do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO), por exemplo. Esses profissionais, estudantes e pesquisadores atuam em cidades onde a dinâmica do crime se manifesta materialmente através de pichações e conflitos armados, mas também a partir da influência relevante sobre o imaginário da juventude na periferia, moldando hábitos e costumes.

Não raro, ao pesquisar sobre temas delicados como “a socialidade armada em Fortaleza”, o pesquisador enfrenta diversos obstáculos metodológicos. Um dos primeiros é o estranhamento de pessoas conhecidas e suas opiniões sobre o objeto de pesquisa. Como tais investigações frequentemente demandam a visita a lugares estigmatizados, como o bairro Bom Jardim em Paiva (2019), a comunidade do Serviluz em Sá (2010) e os presídios em Aquino (2009).

A maioria incontestada das pessoas com quem eu conversava sobre minha intenção de pesquisa tomava minha escolha como uma loucura, uma idiossincrasia, um romantismo ou uma questão de coragem ou burrice, pois as duas palavras parecem manter parentesco próximo (Sá, p. 35, 2010)

Por vezes, a pesquisa acadêmica pode ser uma experiência solitária em que inseguranças e receios são postos à prova. Pesquisadores que não estão inseridos no seu objeto podem sentir-se incapazes de realizar sua investigação. Ao conversar sobre sua curiosidade com pessoas de seu ciclo social, o (a) pesquisador (a) pode ter de lidar com o espanto destes outros. O acesso limitado a esses espaços pode ser desencorajador. As aulas abertas serviram, então, como forma de partilha de conhecimentos, mas também como um incentivo e convite a novos pesquisadores interessados na área.

Um conselho importante pôde ser retirado da aula “Impactos da atuação das facções sobre o cotidiano das populações de periferia em Fortaleza”: observar seus arredores e partir dessa experiência. Os expositores Santiago Neto (2025) e Matos Junior (2008) utilizaram o local onde nasceram como *locus* de sua pesquisa. É importante destacar que os conflitos sociais podem existir ao nosso redor sem que o percebamos propriamente. Ainda, a dinâmica do

mercado ilegal de drogas se desenvolveu a partir da expansão de seu domínio ideológico e territorial, o que implica nos limites e métodos da investigação sociológica.

A investigação que parte de um espaço onde o observador já está inserido oferece vantagens, como uma maior sensação de segurança e conforto diante da quase inevitável presença do domínio territorial das facções, como CV, GDE e TCP nos discursos e nos bairros selecionados pelo pesquisador. Buscar em seu próprio ciclo social conexões que garantam a objetividade da pesquisa pode ser uma opção mais segura em uma grande capital - no caso, Fortaleza - onde a influência das facções é quase onipresente.

Nesse percurso de estranhamento do familiar (Velho, 1989) o “olhar do morador” confunde-se com o do “pesquisador”, onde situações anteriormente vividas de maneiras fluídas, e de certa maneira “irrefletidas”, passavam a ser questionadas em constantes e insaciáveis experimentações marcadas, outra vez, por “posturas analíticas”. Morar na Aerolândia já não era a mesma coisa, pois o espaço que habito e pelo qual cultivo sentimentos e memórias se tornou o contexto no qual busquei referências e indícios para a produção de um conhecimento científico acerca da violência, da criminalidade e do medo (Matos Junior, p. 19, 2008).

Certamente, a proximidade traz conflitos inevitáveis entre o pesquisador e sua vontade de alcançar a realidade objetiva, mas há dilemas cuja dimensão uma observação completamente fria não é capaz de alcançar. Em Santiago Neto (2025) a familiaridade do pesquisador com as “galeras” de seu bairro lhe proporcionou um ponto de vista singular sobre esse fenômeno. Ao mesmo tempo em que analisa um fenômeno sociologicamente, o autor abre espaço para uma observação sensível capaz de transformar a compreensão do investigador sobre sua própria posição social.

Até então, não tinha a sensibilidade para reconhecer que minhas roupas, músicas, jeito de andar e falar, e a convivência com amigos do bairro faziam parte de uma cultura negra. Embora fôssemos perseguidos por policiais e discriminados pela sociedade, não relacionávamos isso à classe social, cor da pele ou lugar de origem, mas ao fato de morarmos em áreas marginalizadas e por andar com pessoas que ocasionalmente se envolviam em delitos. Naturalizávamos o rótulo de “vagabundo” e tentávamos evitar as perseguições

e violência frequentemente dirigidas às classes populares do Brasil (Santiago Neto, p. 20, 2025).

Nesse momento, o trabalho em campo guiado por métodos etnográficos de pesquisa pode demonstrar aquilo que os números não podem: a compreensão dos significados através de uma perspectiva que entende o ator como parte central da significação que este confere ao mundo, embora seja o próprio ator um produto da realidade que ele é capaz de transformar. É uma relação dialética complicada de investigar, uma vez que o pesquisador está inserido em sua dinâmica. As especificidades das “galeras” foram definidoras dos métodos de investigação, que, devido ao seu posicionamento estratégico, pôde incorporar esses conhecimentos sem prejuízos à sua transformação em ciência social.

A sessão “Etnografias do Sistema de Justiça Criminal: crimes de homicídio e feminicídio” consistiu em uma aula aberta guiada pelos expositores Nascimento (2019) e Gabriel (2024). A primeira exposição abordou principalmente a seletividade penal em julgamentos que não repercutiram na mídia foi posta em debate. Em etnografias que relatam conflitos sociais surgem impasses que um iniciante no campo não pode ignorar. Por tratar de um objeto delicado, o pesquisador deve preservar a segurança de sua posição e isso inclui a compreensão de uma outra gramática de sentidos

Dirigindo-se a outrem, o indivíduo manipula múltiplos signos e códigos que lhe fazem o corpo: o uso correto da língua, o recurso a um estilo de linguagem compreensível para o parceiro, a atenção àquilo que se pode dizer e ao que interessa calar, [...] uma gramática dos comportamentos indica aos atores a maneira conveniente de situar-se frente ao outro (Le Breton, p. 63, 2019)

O trabalho etnográfico realizado em Nascimento (p. 7, 2019) demonstra como “atores jurídicos graduam qualitativamente meios e motivos de emprego do poder de matar para fins de mensuração da retribuição prisional a réus acusados de homicídios consumados ou tentados”. Assim, a adequação da metodologia de pesquisa às especificidades da gramática utilizada pelos interlocutores foi essencial para a compreensão científica do fenômeno.

Quando questionava os jurados sobre o que consideravam um “motivo fútil” para matar alguém o embaraço era patente. O que eu tomava

como uma “pergunta simples”, “esterilizada” de terminações técnicas, parecia os atingir como um enunciado pronunciado em outra língua, tamanha a surpresa que expressavam. Só então me dei conta que negligenciava a máxima metodológica bourdieusiana fundamental, segundo a qual o pesquisador não se deve deixar capturar pelas categorias estatais/do senso comum de percepção da realidade (Nascimento, p. 68, 2019).

Em Gabriel (2024) as leis e códigos podem ser utilizados no exercício do poder, formando um código machista dissimulado nas relações que constituem o julgamento de feminicídios. Pesquisa de doutorado em andamento, a autora pretende analisar criticamente a forma como “diversos operadores do Direito, no decurso do processo judicial, constroem seus discursos, com vistas a construções discursivas moldadas por questões sociais, históricas, políticas e ideológicas pertinentes a questões judiciais que envolvem a violência contra a mulher” (Ibid, p. 2).

Os autores que guiaram essa sessão utilizaram de sua formação prévia e proximidade com o campo para se apropriar das relações sociais que constituem seu campo. A aula seguinte, com o tema “Crimes contra o patrimônio no Brasil (assaltos, golpes e fraudes virtuais): panorama histórico e dinâmicas contemporâneas”, foi exposta por pesquisadores que investigaram fenômenos em que estes não estão implicados.

A investigação de Rocha (2024) parte dos relatos de testemunhas de abordagens de assalto que contaram com o sítio de cidades, fenômeno popularmente conhecido como “Novo Cangaceiro”. Em sua exposição, foi destacado a forma como a destruição do patrimônio público causada pelos assaltantes pode transformar o cotidiano das cidades onde se dão, infringindo também sofrimento emocional às testemunhas e vítimas.

No entanto, a forma como os discursos sobre esses crimes repercutem na imprensa e na internet também foi analisada de forma crítica. Através da formulação de personagens do crime, a história contada por veículos da mídia, que afirmam-se como fontes de informações imparciais, mistifica o fenômeno, deformando sua real dimensão. O “novo cangaceiro” também implica numa falsa relação direta entre o “cangaço tradicional” e a recorrência desses crimes em outras regiões do país, como se a criminalidade nordestina houvesse se espalhado nacionalmente (Rocha, 2024).

A pesquisa de Barros (2025) sobre crimes cibernéticos traz uma análise desses delitos cuja recorrência aumentou significativamente durante e após o momento de pandemia da

COVID-19. Através de entrevistas com vítimas desses crimes, o então expositor toma como central a dramatização desses agentes do crime nas tentativas de golpes cibernéticos no Ceará pós-pandemia. Em uma leitura goffmaniana, os golpistas utilizam-se da teatralidade da vida social, construindo um palco sofisticado.

Assim como as abordagens de assalto se modificam a partir dos meios de contingência formulados pelos agentes de segurança, as metodologias utilizadas para investigar esses fenômenos se transformam a partir de suas especificidades. Em uma cidade onde a presença do domínio territorial das facções do mercado ilegal de drogas é marcante, o exercício antropológico do crime precisa compreender os limites demarcados por essa influência, que demarca fronteiras.

Durante a sessão “Ensinar em território disputado: reflexões sobre a docência em contextos faccionais”, Nilton Nascimento e Barreto (2019) em conjunto com o prof. Dr. - Domingos Sávio de - Abreu (2005) debateram sobre como a experiência de sala de aula pode ser transformada a partir da dinâmica do domínio territorial das facções no Ceará. As escolas públicas são vulneráveis em relação à influência faccional, o que põe o professor de Sociologia em uma posição arriscada, uma vez que suas aulas podem abordar temas delicados, como a violência policial e o racismo.

Segundo o jornal Diário do Nordeste,

Disputa entre facções causa mortes, abandono e dano emocional em escolas do CE [...] Dezenas de estudantes aproveitavam o intervalo na Escola de Ensino Médio (EEM) Professor Luís Felipe, em Sobral, Ceará, quando tiveram o descanso e as conversas interrompidos por barulhos de tiros, que foram seguidos de gritos e pedidos de socorro. O episódio de violência registrado na manhã da última quinta-feira (25), que resultou na morte de 2 alunos e outros 3 feridos, ressalta o quanto a comunidade escolar está exposta, sofrendo impactos como o ocorrido, além de questões como abandono escolar, danos emocionais, impacto na aprendizagem, dentre outros problemas (Custódio, 2025).

A aula aberta demonstrou como a capilaridade dessa influência atinge diversos ramos profissionais. Além de poder servir como objeto de estudo pelos estudantes do bacharelado em Ciências Sociais, o debate também destacou a posição do professor nesse cotidiano. Dessa forma, a disciplina optativa “Antropologia do Crime” também pôde contribuir para a formação

de licenciandos do curso. O professor tem de se adaptar a uma diferente “gramática social” onde seu conhecimento científico pode ser posto à prova caso seu discurso esteja descolado do contexto dos estudantes a quem se dirige (Le Breton, 2019).

Encerrando o conjunto de aulas abertas, a sessão “Segurança pública no Ceará (2010 - 2025)” foi marcante por ter sido composta por duas diferentes gerações de estudos sociológicos sobre o crime e a violência no Ceará. Fundador do Laboratório de Estudos da Violência da Universidade Federal do Ceará, o prof Dr César Barreira influenciou toda uma geração de pesquisadores da violência no Estado.

De acordo com o jornal OPOVO,

A partir dos anos 2000, começa a se formar uma "estruturação de redes de interlocução especialmente entre universidades e polícias". É o momento em que, diante da escalada da violência no Ceará e crises mesmo dentro dos próprios aparatos de segurança, o Governo do Estado passa a lançar diversos programas para tentar solucionar a problemática, proporcionando pesquisas também sobre as novas formas de atuação das Forças de Segurança cearenses [...] Entre as políticas adotadas no Estado [...] uma em especial traz a marca do LEV: a Academia Estadual de Segurança Pública (Aesp). Criada em 2010, a Aesp proporcionou centralizar, em um mesmo espaço, as formações dos integrantes das Forças de Segurança, até então, feitas separadamente. Barreira foi diretor da academia em 2011 e 2012. Atualmente, o LEV e outros grupos de pesquisa do Estado participam do programa Cientista-Chefe, desenvolvendo estudos para a Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social (SSPDS). E o laboratório ainda lidera o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Violência, Poder e Segurança, rede que reúne 15 grupos de pesquisa de todo o País que atuam na área (Barbosa, 2025).

Em sala, foi destacada pelo fundador do LEV a “descontinuidade” das políticas de segurança pública no Ceará. De acordo com o mesmo, o “imediatismo” e os diferentes caminhos percorridos pelos gestores fazem com que os projetos não tenham tempo hábil para fazer ver seus benefícios a longo prazo. Os casos dos “Distritos-Modelo” e do “Ronda do Quarteirão” são exemplos de projetos que sofreram com essa situação (Ibid.).

Em seguida, Ribeiro (2024) expôs o percurso teórico-metodológico de sua tese sobre o “tecnovigilantismo de Estado” em Fortaleza, que se refere ao aumento da implementação de aparelhos de videomonitoramento por parte do poder público. Além disso, o autor aponta as

pesquisas, levantamentos de dados e cartografias como parte dessa estratégia estatal de vigilância.

O Governo do Ceará [...] sob a titularidade das gestões do ex-governador Camilo Santana (PT – 2015-2022) - que tiveram como marca, entre outras coisas, o empenho na promoção da info-digital-modernização dos serviços públicos estaduais -, investiu fortemente na ampliação dos sistemas de videomonitoramento, na expansão do policiamento ostensivo e no direcionamento de recursos públicos para o desenvolvimento “soluções tecnológicas inteligentes e eficientes” para os problemas da segurança, como também criou novos aparatos burocráticos, dentre eles: a Secretária da Administração Penitenciária (SAP) e a Superintendência de Pesquisa e Estratégia em Segurança Pública (Supesp) (Ibid, p. 22).

Embora as estratégias utilizadas pelo Governo não tenham sido eficazes na diminuição da sensação de insegurança em relação à criminalidade violenta em Fortaleza, o modo de operação da atual gestão do Governo do Estado não tem diferido radicalmente das propostas anteriores.

Segundo o Portal do Governo,

Elmano de Freitas acompanhou, nesta sexta-feira (29), a saída das tropas da segurança pública para mais uma edição da Operação Integração Saturação Total. O governador afirmou que o reforço da segurança pública é prioridade na gestão. “É uma operação importante porque une todas as nossas forças de segurança e aumenta o nosso efetivo na rua, no interior e na capital. No último período aumentamos muito o número de prisões de pessoas envolvidas com facções, da mesma maneira tivemos aumento de prisão de pessoas que praticaram homicídio. Então, estamos fazendo um trabalho intenso com a presença dos nossos policiais nas ruas e com muita inteligência” (Campos, 2025).

O policiamento ostensivo cresce enquanto a segurança pública é pensada como uma guerra, onde ganha quem elimina mais. Celebrando apreensões e o aumento do encarceramento, a atual gestão não tem como princípio transformar a compreensão do que significa “Segurança Pública” em Fortaleza. É importante destacar que o policiamento ostensivo e a modernização

do poder policial são uma demanda popular, o que demonstra a relevância de uma produção sociológica capaz de repensar essa perspectiva.

3 SOBRE O GRUPO FOCAL E A PESQUISA EM CAMPO

Durante o grupo focal realizado na disciplina “Antropologia do Crime”, a diversidade de bairros (Aldeota, Barroso I, Conjunto Esperança, Parquelândia, Pirambu, Presidente Vargas e Vila Velha) em que os participantes habitam foi relevante para demonstrar como andar por Fortaleza pode trazer à tona sentimentos diferentes a partir de onde o sujeito está localizado e de onde ele vem. Os bairros em Fortaleza têm características próprias e falar sobre a violência e o crime na cidade é tratar de uma dinâmica que influencia a utilização dos espaços públicos e privados.

Os 8 estudantes que concordaram em participar responderam questões formuladas pelos autores do presente trabalho conforme o seguinte tema: “O cotidiano e a vida em uma cidade atravessada por domínios e guerras de facções”. Durante a conversa, alguns outros alunos presentes em sala engajaram-se na atividade.

Foi possível notar que as facções que dominam o comércio local de drogas ilegais fazem parte dos mecanismos acionados pelos moradores da periferia de Fortaleza para circular entre outros bairros e comunidades. Por exemplo, um morador de uma comunidade dominada pelo CV sente-se mais protegido em comunidades que também são dominadas pela facção, pois sentem que podem acionar seu pertencimento a uma forma de território em comum.

A partir das histórias e narrativas locais, a convivência com o crime se dá de formas bastantes distintas, mesmo entre bairros vizinhos. Existem bairros cuja divisão territorial também demarca uma fronteira utilizada como referência pela dinâmica do crime local. A travessia entre bairros na periferia pode representar um perigo e interfere na inserção dos moradores ao mercado de trabalho, uma vez que esse fenômeno apresenta ao cidadão percalços inevitáveis durante a utilização dos espaços públicos e privados de Fortaleza.

A pesquisa em campo contou com dois momentos. A princípio, uma aula foi dedicada à construção coletiva do questionário. Os estudantes puderam conversar sobre as questões com a professora, que deixou como responsabilidade dos alunos a decisão dos temas da pesquisa. Assim, foi decidido que a pesquisa seria composta por 9 questões, divididas em 3 eixos: “Violência”, “Crime” e “Segurança Pública”.

O segundo momento consistiu na apresentação dos dados. Os alunos tiveram 5 minutos para apresentar o resultado de sua pesquisa. O presente artigo não pretende desenvolver uma exposição prolongada dessa coleta, pois tem como objetivo apresentar a ementa e compreendê-la como uma proposta de Metodologia Ativa, pois teve como um de seus métodos de avaliação a realização de uma pesquisa empírica, experiência relevante para cientistas sociais em formação.

3 PRINCIPAIS RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente artigo demonstra que a disciplina “Antropologia do Crime” ministrada pela profª Drª Jania Aquino pode ser compreendida como uma referência para a utilização de Metodologias Ativas no ensino da pesquisa em Ciências Sociais, uma vez que se preocupou em “favorecer a autonomia do educando, despertando a curiosidade, estimulando tomadas de decisões individuais e coletivas, advindos das atividades essenciais da prática social e em contextos do estudante” (Borges; Alencar, p. 120, 2014).

A reprodução do filme em sala é um modo criativo de estimular a curiosidade e imaginação sociológica dos estudantes acerca dos temas abordados durante a disciplina. Conceitos e categorias que a professora movimentou durante as aulas expositivas posteriores puderam se tornar mais nítidos aos ouvintes, que foram introduzidos ao campo de estudos da antropologia do crime. Foi também uma forma de aproximar o trabalho etnográfico à realidade dos presentes.

A aplicação de grupos focais pode ser proveitosa em diversas áreas do conhecimento. Sobre o ensino de Física no Ensino Médio, por exemplo, através da formação de grupos focais com estudantes, Prado (2019) realizou uma análise fenomenológica revelando estigmas escolares relacionados à evasão escolar. A autora relata a forma como a aplicação de Metodologias Ativas foi fundamental para a descoberta de questões coletivas.

A coleta de dados por parte dos estudantes os permitiu utilizar a cidade e entrar em contato com o próprio ciclo social a partir de uma outra perspectiva. Realizar o trabalho de pesquisador fez com que estes entrassem em contato com os percalços e obstáculos da investigação nas Ciências Sociais, como o estranhamento dos interlocutores quanto a posição do entrevistador. Essa experiência pode servir também como uma forma de desmistificar a produção científica, que pode ser desafiadora para recém iniciados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre a formação de professores de Sociologia e cientistas sociais, compreende-se necessário a aproximação dos estudantes com as “questões do campo da prática profissional, [...] seus fundamentos metodológicos e suas formas de trabalhar” (Puentes; Longarezi, p. 585, 2011). A utilização de Metodologias Ativas no ensino de ciências sociais não tem como objetivo substituir ou dizimar as outras formas de ensino, mas pode servir como um conjunto de princípios norteadores na construção de ementas e planos de aula (Carvalho; Costa; Botelho, 2023).

Foi observado a forma como metodologias que tomam o estudante como uma parte ativa e central do processo de aprendizado podem ser utilizadas a fim de introduzir os futuros profissionais no mundo da pesquisa, buscando também contribuir para a adesão dos alunos ao mercado de trabalho. A metodologia operada na realização da disciplina foi frutífera. Os debates acerca dos textos, através da reprodução do filme “Cidade de Deus” e da organização do grupo focal, puderam ser observados em uma perspectiva que contempla o cotidiano urbano em sua complexidade. Ainda, com as aulas abertas, foi possível entender a disciplina como uma introdução à diferentes metodologias de pesquisa antropológica e sociológica da violência.

Os conselhos ofertados em sala foram preciosos, uma vez que os objetos dos pesquisadores em questão, por vezes delicados, por vezes perigosos, demandam metodologias específicas. Acostumar os alunos com a prática da pesquisa foi uma das preocupações da ementa. As falas dos professores e pesquisadores da violência contemplaram não apenas a teoria feita a partir da investigação nas Ciências Sociais, mas também as metodologias formuladas a partir das vicissitudes do campo.

REFERÊNCIAS

ABREU, D. S. . Cross-cultural Discussion: Compare and contrast the events displayed in the above referenced papers. In: XIV World Congress of Criminology - Preventing Crime and Promoting Justice: voices for change, 2005, Pennsylvania. XIV World Congress of Criminology - Preventing Crime and Promoting Justice: voices for change. Pennsylvania: Jerry Center of Criminology - University of Pennsylvania, 2005. p. 75-75.

AQUINO, Jânia Perla Diógenes de. Príncipes e castelos de areia: performance e liminaridade no universo dos grandes roubos. 2009. 230 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, São Paulo, 2009.

_____. Violência e performance no chamado ‘novo cangaço’: cidades sitiadas, uso de explosivos e ataques a polícias em assaltos contra bancos no Brasil. Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 615-643, 2020.

BARBOSA, Lucas. A evolução da violência no Ceará através das lentes do LEV-UFC. O Povo, edição impressa, publicado em 01:15, 8 out. 2025. Disponível em:
<https://mais.opovo.com.br/jornal/reportagem/2025/10/08/a-evolucao-da-violencia-no-ceara-atraves-das-lentes-do-lev-ufc.html>
. Acesso em: 23/01/2026

BARROS, Euvaldo. Dramaturgia da fraude: crimes cibernéticos e a manipulação de vítimas no Ceará pós-pandemia. 2025. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2025.

BARRETO, Assis Adams da Silva. O diretor de turma como mediador de conflitos: um estudo de caso em uma escola de ensino médio de Caucaia – Ceará. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Planejamento e Políticas Públicas) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019. Orientador: Antônio Germano Magalhães Júnior.

BORGES, Tiago Silva; ALENCAR, Gidélia. Metodologias ativas na promoção da formação crítica do estudante: o uso das metodologias ativas como recurso didático na formação crítica do estudante do ensino superior. Cairu em Revista, Salvador, ano 3, n. 4, p. 119-143, jul./ago. 2014.

CAMPOS, Isabella. Governo do Ceará reforça segurança na capital e interior com mais de 750 policiais nas ruas. Portal do Governo, 29 ago. 2025. Disponível em:
<https://www.ceara.gov.br/2025/08/29/governo-do-ceara-reforca-seguranca-na-capital-e-interior-com-mais-de-750-policiais-nas-ruas/>
. Acesso em: 16 dez. 2025.

CARVALHO, Leônidas Olegário de; COSTA, Nayme Santiago da; BOTELHO, Juliene Regina do Couto. Revista Contemporânea, v. 3, n. 10, 2023. ISSN 2447-0961.

CUSTÓDIO, Gabriela. Disputa entre facções causa mortes, abandono e dano emocional em escolas do CE. Diário do Nordeste, 26 set. 2025. Disponível em:
<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ceara/como-a-disputa-entre-faccoes-e-a-violencia-extrema-afeta-escolas-publicas-do-ce-1.3694214>
. Acesso em: 15 dez. 2025.

FELTRAN, Gabriel. S. Crime e castigo na cidade: os repertórios da justiça e a questão 73, 2010 do homicídio nas periferias de São Paulo. Caderno CRH, Salvador, v. 23, n. 58, p. 59-73, 2010.

GABRIEL, Gislene Araújo. LINGUAGEM DO FEMINICÍDIO: ANÁLISE CRÍTICA DO CÓDIGO MACHISTA OCULTO EM PROCESSOS CRIMINAIS NA CIDADE DE FORTALEZA-CE ENTRE OS ANOS DE 2021 E 2024.. In: Anais do Seminário Discente do PPGS-UFC: O futuro da Sociologia - fronteiras, tensões e possibilidades. Anais...Fortaleza (CE) UFC, 2025. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/2-seminario-discente-do-ppgs-ufc-517774/1082812-LINGUAGEM-DO-FEMINICIDIO--ANALISE-CRITICA-DO-CODIGO-MACHISTA-OCULTO-EM-PROCESSOS-CRIMINAIS-NA-CIDADE-DE-FORTALEZ>. Acesso em: 22/01/2026

LE BRETON, David. Antropologia das emoções. Tradução de Luís Alberto S. Peretti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

MATOS JÚNIOR, Clodomir Cordeiro de. Violência, cidadania e medo: vivências urbanas em Fortaleza. 2008. 137 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza-CE, 2008

MERTON, R. The Self-Fulfilling Prophecy. The Antioch Review, 8, 193-210, 1948. <http://dx.doi.org/10.2307/4609267>

MILLS, C. W. A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

MISSE, M.. Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria "bandido". Lua Nova: Revista de Cultura e Política, n. 79, p. 15–38, 2010.

NASCIMENTO, Nilton de Almeida. Tribunal do júri e retribuição prisional ao crime de homicídio: uma etnografia da lógica jurídica sobre sentidos e modos de viver, matar e morrer. 2019. 106f. - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará.

PAIVA, Luiz Fábio S. Aqui não tem gangue, tem facção: as transformações sociais do crime em Fortaleza, Brasil. Caderno CRH, v. 32, n. 85, p. 165-184, 2019.

_____. Contingências da violência em um território estigmatizado. 2007. 191f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza (CE), 2007.

PRADO, Gustavo Ferreira. Metodologias ativas no ensino de ciências: um estudo das relações sociais e psicológicas que influenciam a aprendizagem. 2019. Tese (Doutorado em Educação para a Ciência) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência, Bauru, SP, 2019.

PUENTES, Roberto Valdés; LONGAREZI, Andréa Maturano. Didática na pós-graduação: pesquisas e produções. Linhas Críticas, Brasília, DF, v. 17, n. 34, p. 583-608, set./dez. 2011.

RIBEIRO, Marcelo da Silva. "Do tecnosolucionismo ao vigilantismo": um estudo sociológico sobre os usos de emergentes tecnologias pelas forças de segurança do Ceará. 2024. 348 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024.

ROCHA, Claudio Renan Gadelha. Entre cangaceiros e lobisomens: a produção de medo em abordagens de assalto com domínio de cidades. 2024. 122 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024.

SÁ, Leonardo Damasceno de. Guerra, Mundão e consideração: uma etnografia das relações sociais dos jovens no Serviluz. 2010. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

SANTIAGO NETO, João Pedro de. Transformações no arranjo criminal e gestão dos conflitos nas periferias: um estudo sobre juventude e tráfico de drogas no contexto de disputas entre facções em Fortaleza (2015-2025). 2025. 243 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2025.